

Estado cria central de vagas para gestantes

Serviço tentará resolver a falta de leitos para parto em hospitais públicos da Grande São Paulo

Dentro de 60 dias, as grávidas que dependem da assistência em hospitais públicos da Grande São Paulo vão contar com os serviços da Central de Vagas para Gestantes criada pela Secretaria Estadual da Saúde para tentar eliminar a falta de leitos na hora do parto. "Queremos

evitar o absurdo da situação da mulher em trabalho de parto que sai pelas ruas atrás de uma vaga em hospital", disse Tânia Lago, médica coordenadora da área de Saúde da Mulher da secretaria.

A área metropolitana foi dividida em quatro regiões para retaguarda hospitalar da central. O Hospital do Mandaqui atenderá a demanda da Zona Norte da Capital e de Franco da Rocha; a Maternidade Interlagos vai atender as gestantes da Zona Sul e municípios do ABCD; a Maternidade Leo-

nor Mendes de Barros terá que acomodar as gestantes da Zona Leste e Mogi das Cruzes; e o Hospital Regional de Osasco será responsável pela assistência na região central da Capital e Osasco.

Segundo Tânia, a Central de Vagas vai acionar uma das quatro unidades de referência depois de esgotada a capacidade da maternidade para a qual a gestante é encaminhada durante o pré-natal nos postos e centros de saúde nos bairros. A preferência será dada à unidade mais próxima da casa da

gestante. "Temos leitos suficientes para assistir os partos, mas hoje quem localiza a vaga é sempre a mulher", disse.

Além de facilitar o acesso ao atendimento médico, a secretaria pretende reduzir a mortalidade materna no Estado de São Paulo. De acordo com a coordenadora, morrem 48 mulheres para cada grupo de 100 mil nascidos vivos. "Acreditamos que as mortes sejam o dobro do número oficial porque muitos médicos não indicam as circunstância das mortes das mu-

lheres", afirmou. A Organização Mundial de Saúde considera aceitável, nos países em desenvolvimento, um índice de 20 mortes para 100 mil nascidos vivos. A principal causa de morte de mulheres antes, durante ou depois do parto, segundo a coordenadora da Saúde da Mulher, é a hipertensão não controlada por falta de acompanhamento pré-natal. "Vamos tentar melhorar inicialmente a assistência ao parto expulsivo, que é aquele em que a mulher tem de ficar onde está", disse.